



## **O NEGÃO, A PATRICINHA E A LOIRINHA: DISCURSO, RAÇA E ALTERIDADE EM CANÇÕES POPULARES QUE TEMATIZAM O AMOR INTERRACIAL**

### **THE “NEGÃO”, THE “PATRICINHA” AND THE “LOIRINHA”: DISCOURSE, RACE AND ALTERITY IN POPULAR SONGS THAT THEMATIZE INTERRACIAL LOVE**

Luiz Felipe Andrade Silva<sup>1</sup>  
Isabel do Nascimento Santos<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

No presente trabalho, buscou-se analisar como o discurso produz uma imagem do amor interracial entre homens negros e mulheres brancas. Entendendo a colonialidade como ideologia determinante da sociedade brasileira, fundamentada no racismo, é imprescindível analisar como funcionam os mecanismos de significação da ideologia racista. À luz da Análise de Discurso materialista, desenvolvida a partir de Michel Pêcheux (2019 [1969]), analisaram-se letras das canções “Patricinha do Olho Azul” (2011), interpretada pelo Grupo Bom Gosto e “A loirinha, o playboy e o negão”, interpretada pela cantora Kelly Key (2003). Observou-se como são produzidas as imagens de homens negros e mulheres brancas e o modo como interagem dialeticamente as opressões de gênero (machismo), de raça (o racismo) e de classe (classismo), nas letras dessas canções. Tanto em uma canção quanto em outra, apresenta-se como necessária a justificação da eleição do amor de um homem negro por uma mulher branca, construindo-se assim uma argumentação que se baseia na cisão corpo racializado e alma (“sem cor”). Ao mesmo tempo em que o homem negro é validado “apesar de sua cor” por virtudes intrínsecas, é também valorizado por sua hipersexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor inter-racial. Canção popular. Análise de Discurso.

#### **ABSTRACT**

The aim of this study was to analyze how discourse produces an image of interracial love between black men and white women. Understanding coloniality as the determining ideology of Brazilian society, based on racism, it is essential to analyze how the mechanisms of signification of racist ideology work. In the light of materialist Discourse Analysis, developed by Michel Pêcheux (2019 [1969]), we analyzed the lyrics of the songs "Patricinha do Olho Azul" (2011), performed by the Bom Gosto Group, and "A loirinha, o playboy e o negão", performed by the singer Kelly Key (2003). We observed how the images of black men and white women are produced and how the oppressions of gender (machismo), race (racism) and class (classism) interact dialectically in the lyrics of these songs. In both songs, the justification for a black man's choice of love for a white woman is presented as necessary, building an argument based on the split between the racialized body and the soul ("without color"). At the same time as the black man is validated "despite his color" for his intrinsic virtues, he is also valued for his hypersexuality.

**KEYWORDS:** Interracial love. Popular song. Discourse analysis.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor, Mestre e Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: lfelipe.andrades@gmail.com.

<sup>2</sup> Discente do Curso de Graduação em Letras Vernácula e Língua Estrangeira Moderna pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (Pivic). E-mail: isabelns@ufba.br.



## 1 INTRODUÇÃO

Aproximadamente nos últimos dez anos, com a disseminação de conteúdos produzidos por ativistas e “influenciadoras digitais” negras e negros, nas redes sociais, uma série de expressões e debates passaram a fazer parte de nosso cotidiano: muitas vezes em dissonância com a teoria de onde os conceitos foram extraídos ou simplificando-os. Dentre esses termos, como “lugar de fala”, “apropriação cultural”, “racismo estrutural” e outros, destacamos um de origem possivelmente menos teórico-acadêmica: o termo “palmitagem”, com todos os seus derivados – “palmitreiro/a”, “palmitar”.

De acordo com Ribeiro (2015, n.p),

*[p]almitagem é um neologismo usado [inicialmente] por mulheres negras brasileiras para se referir a homens negros cis hétero que estão envolvidos com mulheres brancas, principalmente por estarem numa posição de privilégio em relação à opressão de gênero.*

Nas redes sociais, porém, o termo passou a designar, por vezes, toda e qualquer pessoa negra que, independentemente de classe social ou gênero, tem relações afetivas ou sexuais com pessoas brancas, com recorrência e duração variadas (Geraldo, 2019).

O que se encontra na base dessas discussões em torno da palmitagem ou das relações amorosas inter-raciais é uma compreensão, ainda que não-explicita, de que o amor ou a afetividade não são simples produtos transcendentais, resultado do encontro de “almas”, mas um fenômeno histórico e geograficamente situado, atravessado pelo político e constituído no interior de formações ideológicas conflitantes. Deste modo, o dizer “o amor não tem cor”, utilizado como argumento pelos “palmiteiros”, foi debatido e questionado principalmente por mulheres negras que, ao serem preteridas em relações amorosas, o inserem no interior das práticas sociais e das relações de poder que hierarquizam sujeitos, inclusive como merecedores ou não do amor romântico. É a partir desta reflexão que diversas autoras, como Hooks (2010) e Pacheco (2008), discutem a solidão da mulher negra, produto do racismo que constrói sua imagem como alguém que não pode ser objeto do afeto seja de homens brancos, seja de homens negros.

Fanon (2008 [1951]) faz uma análise das relações inter-raciais a partir do trauma colonial. Para o filósofo e psiquiatra dominicano, no mundo branco (colonial e capitalista), o “homem de cor” tem dificuldades de elaborar seus esquemas corporais, uma vez que seu acesso a si mesmo e



ao seu próprio corpo é intermediado pelo imaginário branco racista (Fanon, 2008 [1951], p.104). Assim, como forma de redenção, o homem negro precisaria ser reconhecido como branco e a mulher branca seria capaz de ocupar a posição imaginária de proporcionar isso: “[a]mando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco”, conseqüentemente “[s]ou um branco” (Fanon, 2008 [1951], p.69).

De acordo com Pacheco (2008), essa solidão das mulheres negras também é produzida pela “tensão social que as associa ao sexo, às relações transitórias, ao ‘amor físico’, afastando-as dos projetos de vida ‘conjugal’ e do amor ‘verdadeiro’” (Pacheco, 2008, p.91). Se a imagem de amor é algo puro (não pecaminoso, não corpóreo ou carnal), que ocorre entre duas almas – e “alma não tem cor”, conforme o ditado popular – não se poderia explicar a regularidade estrutural assumida pela solidão de mulheres negras, pelo contrário. Por isso, assumimos que o amor é, como todas as práticas humanas, um objeto histórico situado espaço-temporalmente e, portanto, atravessado pela ideologia.

No âmbito da Análise de Discurso de base materialista (Pêcheux, 2019 [1969]; 2009 [1975]), em que se insere esta pesquisa, compreendemos que a ideologia não é, como em sua definição clássica, um mascaramento da realidade, mas uma estrutura-funcionamento que produz as evidências de sentido e do sujeito (Orlandi, 2012). É por efeito do trabalho da ideologia que o amor é “evidentemente” um sentimento atemporal, universal e transcendente, e não uma prática histórica e, como tal, constitutivamente política – e político significa, discursivamente, que o sentido é sempre cindido, dividido, implicado com suas condições de produção materiais, igualmente divididas por relações de força.

Portanto, a discursivização de relações amorosas inter-raciais, no Brasil, funciona em nossa análise como uma espécie de observatório que nos permite investigar o entrecruzamento das relações de raça, classe e gênero<sup>3</sup>, ao mesmo tempo como constitutivo dos processos de significação em nossa sociedade e produzido por estes. Objetivamos analisar o modo como são construídas as imagens de homens negros e mulheres brancas, envolvidos em relações amorosas, em canções populares. Para tanto, nos valem do dispositivo teórico-metodológico da Análise de

---

<sup>3</sup> Ao se tratar do entrecruzamento das relações de raça, classe e gênero, remetemo-nos ao conceito de interseccionalidade, postulado por Kimberlé Crenshaw (1991) e compreendido como “uma sensibilidade analítica” (Akotirene, 2018, p.13) que permite compreender a “sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (Akotirene, 2018, p.14). Ao situarmos nosso trabalho a partir do viés da Análise de Discurso materialista, assumimos que as “identidades” (de raça, gênero ou classe) funcionam como posições sócio-históricas que conformam a produção de subjetividade, na sociedade capitalista ocidentalizada, e não como “ontologias”. Trata-se, portanto, de funcionamentos e não essências.

Discurso, de base materialista, tal como desenvolvida por Michel Pêcheux (2019 [1969]; 2009 [1975]), na França, e diversos pesquisadores, dentre os quais Eni Orlandi (2007; 2012), no Brasil.

Inicialmente, iremos abordar como a colonização e a colonialidade se configuram como elementos fundamentais para a compreensão do discurso sobre raça no Brasil, discutindo como isso afeta a construção da imagem de amor e a ideologia da mestiçagem na sociedade brasileira mesmo após o fim da colonização e a abolição. Com isso, explicitamos a metodologia e a justificativa para a escolha do arquivo com que trabalhamos para, por fim, seguir à análise das formações imaginárias produzidas em duas canções populares – “Patricinha do Olho Azul” (Mug, Serrinha, Fab, 2011) e “A Loirinha, O Playboy e o Negão” (Key, 2003). Observamos, dessa maneira, como os conflitos de raça, classe e gênero são representados e “solucionados” nessas canções. Finalmente, investigamos os argumentos utilizados para validar a relação amorosa entre homens negros e mulheres brancas, nos quais entra em cena a tensão contraditória entre corpo (hipersexualizado, fetichizado) e alma (virtuosa).

## 2 COLONIALIDADE, RAÇA E MESTIÇAGEM

Como dito anteriormente, para Fanon (2008 [1951]), o trauma colonial seria uma base explicativa para o complexo contraditório das relações amorosas entre pessoas negras e brancas. Na perspectiva materialista que assumimos, tal como o autor, podemos admitir, portanto, que a colonização, como processo político-econômico de administração, exploração e dominação de um território por outro, funciona como a condição de produção de discursos racistas, classistas e sexistas na sociedade capitalista.

Para observarmos o funcionamento discursivo, Pêcheux nos chama atenção para a necessidade de “defini-lo [...] em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos de ‘condição de produção’ do discurso” (Pêcheux, 2019 [1969], p.35). Ao tomarmos o discurso produzido no mundo capitalista, interessam, assim, as posições de classe ocupadas pelos sujeitos na prática discursiva, como nos alerta. No entanto, o modo de organização social racializado e generificado desenvolvido ao longo da colonização, como condição de possibilidade para a acumulação primitiva de capital (Marx, 2017 [1847]), também produz relações diversas que se sobrepõem e entrelaçam às relações de classe.

A colonização funcionaria como causa do trauma, isto é, como uma espécie de “ferida psíquica” responsável pela separação entre significantes e significados. De acordo com o autor, em



outra de suas publicações, “[o] mundo colonial é um mundo compartimentado” (Fanon, 2022 [1961], p.33): não apenas o espaço é separado, dividido, como os sujeitos que o habitam também.

No seio da teoria decolonial, Quijano (2009) defende que a classificação social étnica/racial, mas também de gênero da população constitui “a pedra angular do [...] padrão de poder” mundial capitalista (QUIJANO, 2009, p.74). Essa classificação social é o que caracteriza a colonialidade, um conjunto de práticas sociais que conformam a organização das sociedades mundializadas, após o século XVI, tendo por fundamento a distinção e hierarquização de sujeitos por raça e gênero. Dialeticamente, assim como o colonialismo funciona como condição de possibilidade do capitalismo, a colonialidade é tomada como uma espécie de sua “filosofia espontânea” (Machado, Silva, 2022, p.7), isto é, “a lógica colonial [funciona] como o “irrefletido” subjacente das práticas capitalistas” (Machado, Silva, 2022, p.46).

A colonialidade seria a ideologia sobredeterminante da sociedade capitalista. Não haveria, portanto, como enunciar fora das relações de raça e gênero, que funcionariam como “pré-construídos”, ou seja: um corpo negro (assim como um branco, um lido como feminino, etc.) tem uma materialidade histórica – ele é significado de determinada maneira pela memória – e aquilo que esse corpo profere – seus gestos, seus enunciados – são semanticamente determinados por isso (Machado, Silva, 2021).

Esses elementos são importantes para pensarmos as relações inter-raciais, como nos propomos neste artigo. Essa classificação social, promotora da compartimentação do mundo de que nos fala Fanon (2022 [1961]), promove uma desumanização que, para Césaire (2022 [1950]), não afeta apenas o colonizado/negro, mas também o colonizador/branco. Assim,

[e]ntre colonizador e colonizado, só há lugar para a corveia, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, o estupro, os cultivos obrigatórios, o desprezo, a desconfiança, o cozeiro, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas humilhadas.

Nenhum contato humano, apenas relações de dominação e submissão, que transformam o colonizador em peão, capataz, feitor, chicote, e o nativo em instrumento de produção (p. 171).

Não haveria, portanto, a possibilidade de amor. Young (2005), ao tratar da colonização britânica, irá apontar que na interação entre colonizador e colonizado há dois modelos: a linguagem e o sexo, não o amor. Ambos se amalgamariam com seu produto (as línguas crioulas e as pessoas mestiças), caracterizado pelo termo “hibridismo” (Young, 2005, p.7).



No cerne das discussões sobre as relações interracialias, no Brasil, destacam-se assim os estudos sobre a mestiçagem. Munanga (2020, p.15) afirma que a racialização pode ser pensada somente considerando as relações de poder entre grupos em uma dada sociedade. Nas sociedades coloniais, o racismo funciona como uma prática estrutural, base para se manter as condições de produção capitalistas. É dizer que as práticas racistas são institucionalizadas e funcionam para estabelecer e manter a ordem social, suas hierarquias e os modos de distribuição de poder (Almeida, 2020, p.47).

No Brasil, a chegada do primeiro navio negreiro em um porto brasileiro no início do século XVI, no ano de 1535, marcou o início do regime escravocrata que perdurou por quase quatro séculos. Com a “abolição”, no fim do século XIX, a elite brasileira precisou reformular e adaptar o discurso de nacionalidade, ou ainda de identidade nacional, contexto no qual surgem as políticas de mestiçagem como estratégias para se resolver a problemática racial no país (Munanga, 2020, p.53). A mestiçagem emerge, no início do século XX, como uma estratégia político-ideológica para criar um povo homogêneo, o “cruzamento” das três raças — branca, negra e indígena —, com a finalidade de predominância biológica e cultural branca.

Ao longo do século XX, a mestiçagem assume traços contraditórios: ora é vista como degradação racial, ora como meio de produção de traços originais brasileiros (Munanga, 2020, p.53). Compreendendo a natureza contraditória das questões raciais no país, cabe investigar os processos discursivos que reproduzem a colonialidade e seu constitutivo racismo, no imaginário brasileiro. Desse modo, buscou-se refletir como isso impacta a produção do discurso amoroso inter-racial envolvendo homens negros e mulheres brancas na sociedade brasileira.

Para tanto, construímos nosso arquivo<sup>4</sup> de análise com canções populares, uma vez que, historicamente, essa prática discursiva se constitui como espaço privilegiado de produção e veiculação do “discurso amoroso”, em língua portuguesa. No campo dos estudos literários de gênero, a lírica – inicialmente poesia acompanhada de melodia – é devotada exclusivamente ao tema do amor (Rougemont, 1988). O mesmo traço formal caracteriza a canção popular, definida por Pedro de Souza como “uma forma de emitir, com a voz, sons, linguísticos ou não, encadeados conforme alinhamento rítmico, harmônico e melódico” (2013, p.9) e, ainda que tenha assumido outras temáticas, ainda é na expressão amorosa que grande parte de sua produção se realiza.

---

<sup>4</sup> Pêcheux (2010 [1981], p.51) define o arquivo, de forma ampla, como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Caberia assim, ao analista, ao construir esse arquivo, a partir de sua questão norteadora, promover seu *gesto de leitura*.

Ademais, consideramos a canção popular uma prática que, em virtude de seu modo de circulação e de produção na sociedade capitalista, serve de um observatório para o modo como se significam as relações amorosas inter-raciais.

Para a elaboração deste arquivo, fizemos uso de pesquisa eletrônica no site do Instituto Memória Musical Brasileira<sup>5</sup> com as palavras-chave “negro”, “negão”, “neguinho” e “loira”. Dialogando o que foi proposto por Dias (2016) acerca do discurso digital, compreende-se o meio digital como uma materialidade específica, a materialidade digital, que, por possuir uma dinâmica própria, provoca uma “mudança da relação da ordem simbólica com o mundo”, criando relações outras entre “sujeito e conhecimento, através de um funcionamento específico da memória, cuja natureza é digital (Dias, 2016, p. 09)”. Cabe citar ainda o chamado “efeito de arquivo” (Orlandi, 2013), que diz respeito ao modo como o arquivo é compreendido em sua materialidade:

[...] a questão posta pelo pesquisador, a maneira como ele considera seu material, construindo o objeto de sua análise, seus objetivos e seu campo teórico, onde se dará a interpretação dos resultados de sua compreensão, podem trazer contribuições sempre diferentes e extremamente frutíferas para o conhecimento do objeto simbólico em questão e a observação dos processos de significação. (Orlandi, 2013, p.3)

Assim, é relevante ressaltar o papel da digitalidade não somente na elaboração do corpus tal como no processo de análise, já que é na memória digital, a memória metálica – a qual se constitui como uma “ilusão de memória infalível [...], produzida por uma evidência técnica de que a tecnologia não falha e de que suas possibilidades físicas são inesgotáveis” (Dias, 2016, p. 12) – que se pode analisar o já-dito que constantemente se re-atualiza no funcionamento digital, por meio do interdiscurso (Pêcheux, 2009 [1975]).

A partir do levantamento realizado, foram selecionadas dez canções populares que tematizam o amor interracial. Dessas, elegemos duas para este artigo. A primeira canção, intitulada “Patricinha do Olho Azul” (Mag, 2011), composta por Mag, integrante do grupo de samba Bom Gosto, é considerada o maior sucesso da banda que, mesmo após de uma década de lançamento, mantém o grupo no cenário musical hegemônico do país (Pedro, 2022). A segunda, “A Loirinha, O Playboy e o Negão” (Key, 2003), composta e interpretada pela cantora Kelly Key, foi um sucesso e o álbum no qual foram lançadas ganhou disco de ouro no ano de seu lançamento.

Em nossa análise, porém, a despeito de a canção popular ser uma prática discursiva intersemiótica, iremos apenas atentar para sua letra, isto é, para sua semiose linguística. E como tal,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://immub.org/>. Acesso em: 7 jan. 2023.



levamos em conta as posições ocupadas pelos protagonistas do/no discurso, isto é, o modo como a voz masculina ou feminina, emitida por um corpo branco ou racializado, afeta a significação da canção. Passemos, portanto, à análise.

### **3 FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS: QUEM FALA E QUEM É FALADO**

Como dissemos, para Pêcheux, “o processo de produção de um discurso [...] resulta da composição das [suas] condições de produção [...] com um sistema linguístico dado” (2019 [1969], p.45), em determinado estado. Por isso, observamos a colocação dos protagonistas no discurso. No entanto, não os tomamos empiricamente, mas sim como o modo pelo qual seus lugares são representados, o que foi denominado como “formações imaginárias”. As formações imaginárias “designam o lugar que os interlocutores se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2019 [1969], p.39), e funcionam em um processo de projeção, portanto, o locutor ao projetar o lugar do interlocutor se pergunta “quem sou eu para lhe falar assim?”, o interlocutor se pergunta quanto ao lugar do locutor (“quem é ele para que eu lhe fale assim?”), e ao lugar do referente, o objeto imaginário de que se fala, sendo para o locutor “de que lhe falo assim?” e para o interlocutor “de que ele me fala assim?” (Pêcheux, 2019 [1969], p. 40).

Na canção “Patricinha do Olho Azul” (Mag, 2011), há uma caracterização da imagem de quem fala, a qual se atribui a responsabilidade pelo seu discurso, para aquele a quem se fala. É possível encontrar um “feixe de traços” que caracterizam a representação da sua condição socioeconômica, apresentada nos trechos “sou pobre sofredor”, “eu sou pobre” e “sou trabalhador”; da sua condição de moradia/territorialidade, sua perifericidade em relação ao território urbano, explicitada em trechos como “tenho um barraco dentro da favela” e “moro no morro”; a sua identidade racial, nos trechos “sou negão” e “de cabelo pichaim”; bem como sua profissão, “eu sou cantor”. Isso se reduplica simbolicamente pelo fato de os intérpretes do samba serem homens negros. Ainda que se assemelhem a traços objetivos, o que essas predicções acerca do “destinador” (Pêcheux, 2019 [1969], p.38) – marcado linguisticamente por formas de primeira pessoa – produzem é uma representação das posições assumidas na sociedade. Numa sociedade colonial-capitalista, compartimentada, como disse Fanon (2022 [1961]), os lugares sociais são marcados “por propriedades diferenciais determináveis” (Pêcheux, 2019 [1969], p.39), que estabelecem o conflito de classes, mas também os conflitos de raça e de gênero.



No caso, o objeto do discurso desse “destinador” é sua relação amorosa com uma pessoa (“referente”) que é predicada por determinados traços: refere-se a uma “patricinha”, “loira”, “do olho azul” que “mora na zona Sul”, cujo pai “é doutor”. Trata-se de uma relação heterossexual, portanto entre um homem cisgênero e uma mulher cisgênero, interracial e com sujeitos de classes sociais distintas. O modo como esses traços – homem/mulher, negro/branca, pobre/rica ou de classe-média, da favela/da zona sul – se estruturam em nossa sociedade, em virtude da colonialidade e do capitalismo, estabelece um conflito hierarquizado. Pêcheux (1995 [1967]) afirma que um dos efeitos ideológicos é que os sujeitos reconheçam, ainda que isso não lhes seja explicitamente comunicado/ordenado, o lugar que ocupam no interior da sociedade. O modo como esses traços são simbolizados na sua relação com a memória e com o interdiscurso se dá pela forma como esse “destinador masculino-negro-pobre” se posiciona diante de seu “objeto feminino-branca-rica”.

O conflito de classe e raça é aqui apaziguado pelo cis-heterossexismo. A relação da “patricinha” com ele é intermediada pela aceitação dos seus pais: “O pai dela é doutor, sabe que eu sou cantor / E a mãe dela já me deu um papo pra cuidar bem dela”. Independentemente de ser pobre e negro (traços historicamente significados negativamente), ele pode ocupar, como homem, o papel de cuidador e provedor, que, no entanto, obedece a uma submissão classista: “Olha eu sou trabalhador / Me coloco ao seu dispor”. As ocupações da patricinha são também apresentadas de forma machista: o papel de procriadora (“ela já tem eu de negro / E quer fazer mais um”) e de dona de casa (“Pode trazer suas trouxa e jogo de panela”). Ela não fala, nem é tomada como “destinatária” da enunciação desse destinador. No entanto, ainda que mulher (historicamente sujeita ao homem), trata-se de uma pessoa branca (historicamente superior ao negro) – conflito que é solucionado na letra da canção por outros expedientes, como veremos na próxima seção.

Já na canção “A Loirinha, o Playboy e o Negão” (Key, 2003), se reconhece, diferentemente, a imagem do “destinador” como uma mulher branca, “loirinha” (“Foi quando de repente me veio um cidadão / E perguntou: Loirinha, que tu viu nesse negão”) – traços esses também reduplicados pela intérprete da canção, a cantora Kelly Key. Além desta, identifica-se um “playboy”, que ocupa o lugar de “destinador” (“Playboy, vou te esculachar”). Um “negão” comparece aqui apenas como “objeto”, “referente”, ainda que esteja presente na situação representada pela canção: “Geral tava olhando a loirinha com o negão / Juntinhos de mãos dadas e zoando no calçadão”. Se, na canção anterior (Mag, 2011), pelo cis-heterossexismo, o homem fala da mulher, silenciada; aqui, pelo racismo, a branca fala do negro.



Nos primeiros versos da canção, apresenta-se o encontro dos protagonistas desse diálogo. O primeiro verso (“Geral tava olhando a loirinha com o negão”), nos situa entre os muitos observadores do casal, corporificados (ou melhor: objetificados) através dos termos “loirinha” e “negão”, fazendo ambos relação direta a seus traços fenotípicos dominantes e, por conseguinte, raciais. A “loirinha” representaria o ideal branco superior, com traços nórdicos ou arianos, mas fisicamente frágil, e o mesmo acontece com o “negão”, corpulento e retinto – o que terá efeitos na produção de um imaginário sexual racista e altamente misógeno<sup>6</sup>. O uso de “geral” produz uma espécie de imagem de unidade dos observadores do casal, sem marcá-los detidamente por nenhum de seus traços. Podemos, com isso, inferir que o “espanto” ou “desconforto” diante de um casal interracial é, como a própria palavra reforça, geral, comum, abrangente. Ademais, a utilização dessa palavra promove um efeito de sentido acerca do território de onde provém a “destinadora”: sua posição de classe e território, uma vez que a expressão “geral” (em oposição a “todo mundo”, “as pessoas”) indica o uso de uma gíria originalmente do subúrbio carioca, e eles se encontram na zona sul (“no calçadão”).

No terceiro verso, acontece a abordagem do interlocutor ao locutor “Foi quando de repente me veio um cidadão” – trata-se de um encontro inesperado, de um rompimento com o cenário de observação anterior. O uso de “cidadão”, para designar quem abordou o tal casal, produz efeitos de sentido: se por um lado, se trata de um termo genérico (cidadão é qualquer um), por outro, remete pela memória ao sujeito de direitos, constitutivamente atravessada pela universalização do homem cis-branco como o modelo de humanidade (Mariano, 2005; Faustino, 2013). Logo, quando se usa “cidadão”, infere-se (através do uso sedimentado historicamente da palavra, no território colonial) que esse indivíduo é branco, e de classe média ou alta – como corrobora o uso de “playboy” para se referir a ele. Podemos comparar o uso de “cidadão”, por exemplo, com as palavras “moleque” e “indivíduo”, que, se a substituíssem, provocariam outros sentidos, já que os mesmos são utilizados para se referir a grupos marcados principalmente por raça e/ou classe. Esses termos são comumente utilizados em programas policiais para se referir a jovens negros em contextos de violência policial.

Esse dito “cidadão”, presumivelmente dotado de direitos, se sente legitimado a abordar um casal de desconhecidos, saindo do lugar passivo da observação, para tomar a voz para romper com

---

<sup>6</sup> Em nossa pesquisa, analisamos também canções que reproduzem o imaginário do “negro bestial estuprador de brancas”, que também se encontra em diversas manifestações da cultura de massa (do cinema à pornografia, passando pela literatura e pelo teatro).



o silêncio frente a uma situação que supostamente estava incomodando a todos. A tomada da palavra demonstra a ausência de relação entre ele e o referido casal e tal comportamento (de indagar) pode ser entendido ainda como uma demonstração de revolta ao ver a mulher branca loira, parceira ideal para o homem branco no modelo de manutenção da hierarquia racial e da supremacia branca (Munanga, 2020, p. 42), escolhendo se relacionar com um homem negro e retinto, frisado no verso “ele é escuro sim um tremendo negão”, o oposto de sua figura no modelo de significação da ideologia da mestiçagem na sociedade brasileira.

#### **4 O QUE VOCÊ VIU E O QUE NÃO SE VÊ: ALMA NÃO TEM COR, CORPO TEM**

Na canção de Kelly Key (2003), a pergunta do interlocutor (“o que é que tu viu nesse negão?”) recupera um memorável. Quando se pergunta o que se viu em algo ou em alguém, promove-se o efeito de que o objeto não é suficientemente bom para ser “escolhido”, e, por isso, é necessário que se justifique sua eleição como merecedor de um lugar de prestígio e reconhecimento, seja um espaço de poder ou de recebedor de afeto em uma relação romântico-afetiva. Na canção do Grupo Bom Gosto (Mag, 2011), isso também aparece, sob a forma de autodepreciação, quando o destinador pergunta: “O que ela viu em mim, de cabelo pixaim?”. O racismo e a supremacia branca, enquanto práticas ideológicas, constroem a subalternização de sujeitos racializados justificando que os mesmos não possuem em si a completude para serem escolhidos, já que outros sujeitos, os brancos, são os legítimos “merecedores” deste lugar por sua superioridade racial e cultural (Bento, 2022).

A objetificação/corporeificação que atinge às duas pessoas dos casais, apresentados por seus traços fetichizantes (“loirinha”, “negão”) são significantes para compreender a interlocução entre a destinadora e o cidadão/playboy em Key (2003). A tomada da voz por quem ocupa o lugar de sujeito do discurso e o constante silêncio do objeto são sintomáticos. Apesar de a pergunta inferiorizar o “negão”, é a “loirinha” que responde.

Essa resposta é composta por dois argumentos. O primeiro se apresenta nos versos “O que vi dentro dele eu não vi dentro de você” e “Ele é escuro sim, um tremendo de um negão, / mas não lhe falta educação e respeito”; já o segundo, no verso “Meu preto é cem por cento e me coloca pra chorar”. É construída, no primeiro argumento, uma oposição entre corpo e alma para justificar a escolha feita pelo locutor: o corpo, nesse caso, não é suficiente para justificá-la. O que



a justifica é seu espírito, suas características que vão além da sua cor, aquilo que não pode ser visto em uma pessoa negra. Ou mesmo, considerando a imagem historicamente construída dos sujeitos negros: aquilo que não é visto quando se vê uma pessoa negra – educação, respeito, um “interior bonito”.

Na canção “Patricinha do olho azul” (Mag, 2011), há um processo argumentativo semelhante. No trecho “Sei que eu sou pobre, mas meu coração é nobre”, nota-se a oposição entre o fato do “destinador” ser pobre (e negro) e seu coração nobre. Podemos observar aqui que há aquilo que Orlandi (2007) chama de silêncio constitutivo: fala-se de classe para não se falar sobre raça. Também nos versos “olha eu sou trabalhador” e ‘sou honesto”, nos quais se justificam as razões de ser escolhido como objeto afetivo da mulher branca, é por aquilo que escapa seu corpo (e sua classe social) que ela se apaixona: as suas virtudes, aquilo que não pode ser visto apenas ao se ver seu “cabelo pixaim”, “de black ou nagô”, sua pele retinta (“sou negão”).

Já no segundo argumento apresentado pela destinadora de “A Loirinha, o Playboy e o Negão” (KEY, 2003), há uma inversão de prioridades: o corpo é a justificativa para que o sujeito negro seja escolhido. Esta contradição pode ser explicada por meio da redução da imagem dos sujeitos negros a corpos a serem explorados econômica e sexualmente (Pinho, 2004, p. 67). Deste modo, apesar de no primeiro argumento falar-se do que há “apesar do corpo”, ou a raça; no segundo, recorre-se ao imaginário produzido em torno do corpo negro como uma motivação para a escolha feita pelo sujeito branco. “Meu preto é cem por cento e me bota pra chorar” produz a imagem do negro da genitália descomunal, bestializado, hiper-sexualizado, capaz de fazer sua parceira sexual chorar de prazer e/ou de dor<sup>7</sup>. Em vista disso, se reafirma a cisão entre corpo e alma, conseqüentemente, a corporeificação, mas se direciona essa divisão de forma oposta ao que foi encontrado no primeiro argumento. É nesta contradição que podemos visualizar um dos mecanismos basilares do racismo, já que é necessário haver esta ruptura (corpo e alma) para que se fundamente as simbolizações irracionais e contraditórias construídas a partir da categorização racial.

No caso de sujeitos negros, ao serem corporificados, são considerados dignos de amor somente pela negação dessa corporeidade com a qual são identificados e interpelados como sujeitos

---

<sup>7</sup> A sexualidade também aparece na canção do Grupo Bom Gosto (MUG, SERRINHA, FAB, 2011), de forma mais sutil, quando o destinador fala em “namorar devagarinho” com sua patricinha ou insiste na possibilidade de se falar “mais um [negro]” ou “fazer um neguim”.

pela sociedade. Isso foi observado na materialização do discurso, a partir do jogo de vozes nas situações construídas por essas canções.

## 5 CONCLUSÕES

Na sociedade brasileira, o conceito de raça e os seus mecanismos de significação são fundamentais para compreendermos os lugares determinados para os sujeitos na estrutura social e suas significações que são inerentes à ideologia racial. Estes mecanismos hierárquicos, materializados no discurso, funcionam dialeticamente e simultaneamente em nossa formação social, o que implica na complexidade das relações entre esses sujeitos. Cabe ainda frisar que através de determinações sociohistóricas, a raça e a classe são indissociáveis, como afirma Davis “é preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe (DAVIS, 2011 [1997])” – o que podemos verificar em nossa análise de Mug, Serrinha e Fab (2013).

Em “Patricinha do olho azul”, o conflito parece se estabelecer na diferença de classes, de modo a silenciar (constitutivamente) o conflito racial que se aponta pelos traços fetichizados dos parceiros da relação amorosa: “negão” e “loira do olho azul”. No trecho “Mas se jurar seu amor, eu vou casar com ela”, demonstra-se a devoção do locutor em ser aceito por esta mulher branca com traços arianos. O colorismo (WALKER, 1983) afeta não apenas a representação de corpos negros – retintos ou de pele clara –, mas também corpos brancos, no qual a loura de olho azul ocuparia o lugar imaginário de maior brancura.

Temos, assim, a configuração de um cenário na qual os protagonistas do discurso e/ou seu objeto são marcados racialmente. Nas situações de que tratam as canções, as personagens da “patricinha” e da “loirinha” são tomadas como brancas e reforçam os valores da ideologia da branquitude. E mesmo em “A patricinha do olho azul”, quando o destinador é caracterizado como um homem negro e seu intérprete são homens negros, o que encontramos é algo de que nos fala Kilomba: “não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser” (KILOMBA, 2019, p.38) – isto é, com seu imaginário construído historicamente através da colonialidade, que se manteve como ideologia sobredeterminante da sociedade pós-colonial mesmo após a abolição.

Por fim, reiteramos que nos posicionamos ao lado das mulheres negras brasileiras que não compreendem o amor como um fenômeno descolado das práticas sociais, mas sim como um produto destas. E a partir desta perspectiva, como foi demonstrado na análise empreendida neste



artigo, o amor, neste caso o inter-racial, possui sua historicidade e se inscreve, na sociedade brasileira, no emaranhado de significações e relações que caracterizam a colonialidade. Concluimos, desta maneira, que há sim muitas palavras para falar de amor e uma delas é discurso. Através dela, foi-nos possível observar como a memória da escravidão e da política racista de embranquecimento da população continuam produzindo sentidos na produção discursiva contemporânea, principalmente na grande mídia.

### REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. In: \_\_\_\_\_. **Textos escolhidos: A tragédia do rei Christophe; Discurso sobre o colonialismo; Discurso sobre a negritude**. Trad. Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022 [1950].
- CRENSHAW, Kimberlé. **Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color**. **Stanford Law Review**, Stanford, v.43, n.6, p.1241-1299, 1991,. Disponível em: <https://www.berkeleycitycollege.edu/slo/files/2021/05/Crenshaw-Mapping-the-Margins-Intersectionality-and-Vioence-against-WOC.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2023.
- DAVIS, Angela. **As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia**. Conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997, em São Luís (MA), na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzalez, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grup. Geledés, 12 jun. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em 1 jul. 2022.
- DIAS, Cristiane. **A análise do discurso digital: um campo de questões**. **Redisco, Vitória da Conquista**, v. 10, n. 2, p. 8-20. 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515>. Acesso em 22 de out. 2022.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008 [1951].
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022 [1961].
- FAUSTINO, Deivison. **A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do “Ser” negro**. **Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, vol. 9, n.18,



2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4966/496650340012.pdf>. Acesso em 13 jan. 2023.

GERALDO, Nathália. **O que é palmitar? Entenda termo que se usa para casais inter-raciais.** *Universa UOL*, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/07/29/o-que-e-palmitar-entenda-termo-que-se-usa-para-casais-inter-raciais.htm>. Acesso em: 3 jan. 2023.

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor.** Trad. Maísa Mendonça. Portal Geledés, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

KEY, Kelly. **A loirinha, o playboy e o negão.** Rio de Janeiro: Warner Music. 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CifP3NmqqN8>. Acesso em 1 jul. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

MACHADO, Isadora; SILVA, Luiz Felipe Andrade. **Necropolíticas nos porões da linguística.** In: REZENDE, Patrick; BRAMBILA, Guilherme. **Percursos em linguística: teorias, abordagens e propostas.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p.167-207.

MACHADO, Isadora; SILVA, Luiz Felipe Andrade. **Ferramentas linguísticas da modernidade colonial-capitalista: uma tomada de posição latino-americana frente ao problema da colonização na História das Ideias Linguísticas.** *Língua e instrumentos linguísticos*, Campinas, v.25, n.49, p.3-49, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8667023/29507>. Acesso em: 5 jan. 2023.

MAG. **Patricinha do Olho Azul.** Rio de Janeiro: Sony Music. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1hkf-46m6uM>. Acesso em 1 jul. 2022.

MARIANO, Silvana Aparecida. **O sujeito do feminismo no pós-estruturalismo.** *Revista Estudos Feministas*, 2005, v. 13, n. 3. Florianópolis Set./Dec. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000300002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000300002&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 13 jan. 2023.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia: resposta à “Filosofia da Miséria”, do Sr. Proudhon.** Trad. José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2017 [1847].

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 6.ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6 ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.



ORLANDI, Eni P. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano**: sentido e materialidade digital. Série e-urbano. Vol. 2, 2013. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/> Acesso em: 4 de jan. 2023.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro?. **Democracia Viva**, nº 22, 2004.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciência Humanas. Campinas: [s.n.], 2008. 324 p. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/420735>. Acesso em: 4 jan. 2023.

PÊCHEUX, Michel. **Observações para uma teoria geral das ideologias**. Trad. Carolina M.R. Zuccolillo, Eni P. Orlandi e José H. Nunes. Rua, Campinas, n.1, p.63-89, 1995 [1967].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1975].

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. Trad. Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Gestos de leitura**. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1981], PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Trad. Eni P. Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes Editores, 2019 [1969].

PEDRO, Gabrielle. **Bom Gosto relembra sucesso de 'Patricinha De Olho Azul' e revela**: 'Quase não gravamos essa música': o vocalista da banda, Mug, conversou com o R7 sobre a trajetória da banda, que completa 25 anos, e futuros projetos. R7, 02 nov. 2022. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/musica/bom-gosto-relembra-sucesso-de-patricinha-de-olho-azul-e-revela-quase-nao-gravamos-essa-musica-03112022>. Acesso em: 7 jan. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

RIBEIRO, Stephanie. **Tu palmitas, e nós preteritas**. Alma preta: jornalismo preto e livre. 5 nov. 2015. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/tu-palmitas-e-nos-preteridas/> Acesso em: 3 jan. 2023.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

SOUZA, Pedro de. **Apresentação**. Fragmentum, Santa Maria, n.36, p.9-14, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/9781/pdf>. Acesso em: 7 jan. 2023.

YOUNG, Robert J.C. **Desejo colonial**: hibridismo em teoria, cultura e raça. Trad. Sérgio Medeiros, Dirce Waltrick do Amarante e Rafael Azize. São Paulo: Perspectiva, 2005.



WALKER, Alice. **In search of our mothers' gardens**. San Diego, New York, London: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

**Enviado em: 13/02/2023**  
**Aceito em: 04/05/2023**